



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA SOLANGE MACHADO DE MATOS

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO FAMILIAR DO SUJEITO  
COM AUTISMO**

Juazeiro do Norte  
2021

MARIA SOLANGE MACHADO DE MATOS

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO FAMILIAR DO SUJEITO  
COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola

Juazeiro do Norte  
2021

MARIA SOLANGE MACHADO DE MATOS

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO FAMILIAR DO SUJEITO  
COM AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola

Aprovado em: 06/07/2021

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Esp. Cícera Jaqueline Sobreira Andriola  
Orientadora

Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque  
Avaliador

Prof. Esp. Marcos Teles do Nascimento  
Avaliador

# A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO FAMILIAR DO SUJEITO COM AUTISMO

Maria Solange Machado de Matos<sup>1</sup>,  
Cícera Jaqueline Sobreira Andriola<sup>2</sup>

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição de funcionamento que possui influência em aspectos comunicativos, comportamentais e afetivos para os sujeitos. No presente trabalho foi objetivado analisar a contribuição da psicologia no contexto familiar do sujeito com autismo. A pesquisa realizada caracteriza-se como de cunho qualitativo, de natureza exploratória e caráter bibliográfico. Os resultados encontrados foram dispostos em tópicos que compreenderam os aspectos históricos e clínicos, sendo elaborado uma tabela com os principais marcos que evidenciam o desenvolvimento desta temática; a discussão sobre pesquisas que concentraram investigações sobre os contextos relacionados ao autismo, ressaltando o eixo escolar, da sexualidade e familiar conforme encontrado nos estudos; e as pesquisas que sinalizam intervenções propostas como possibilidades de tratamento, evidenciando a relação com a psicologia e a diversidade de recursos possíveis no acompanhamento profissional. A conclusão reflete sobre elementos presentes nos estudos analisados, em especial a sobrecarga da função parental materna; as perspectivas no campo da psicologia, sobre predominância do referencial teórico psicanalítico e dos estudos vinculados ao desenvolvimento por meio da terapia ABA, o alcance dos aspectos metodológicos em função da contribuição para o aumento do conhecimento científico sobre o tema, bem como as possibilidades para estudos futuros.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Contexto Familiar. Psicologia

## ABSTRACT

The Autistic Spectrum Disorder is a functioning condition that has communicative, behavioral and affective effects for the subjects. In the present work, the objective was to analyze the contribution of psychology in the family context of the subject with autism. The research carried out is characterized as qualitative, exploratory in nature and bibliographical in nature. The results found were classified into common that comprise the historical and clinical aspects, and a table was drawn up with the main milestones that evidence the development of this theme; the discussion on researches that concentrated investigations on the contexts related to autism, emphasizing the school, sexuality and family axis as found in the studies; and researches that signal proposals as treatment possibilities, showing the relationship with psychology and the diversity of possible resources in professional monitoring. The conclusion about the elements present in specialized studies, especially the overload of the maternal parental function; as perspectives in the field of psychology, on the predominance of the psychoanalytic theoretical framework, and the reach of methodological aspects in terms of the contribution to the increase of scientific knowledge on the subject, as well as possibilities for future studies.

**Keywords:** Autistic Spectrum Disorder. Family Background. Psychology

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: [solangfs@gmail.com](mailto:solangfs@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: [jaqueline@leaosampaio.edu.br](mailto:jaqueline@leaosampaio.edu.br)

## 1. INTRODUÇÃO

Inserido em uma categoria denominada de *transtorno global do desenvolvimento*, os quais caracterizam-se por dificuldades simultâneas no desenvolvimento de funções básicas como a socialização e comunicação, o autismo, ou *Transtorno do Espectro Autista – TEA*, pode ser manifestado antes dos três anos de idade e ser acompanhado durante todo o curso de vida. Suas características perpassam o ambiente social e podem ser expressas em aspectos emocionais, comportamentais, apresentando padrões repetitivos, e formas distintas de estabelecer a comunicação, sendo vistas socialmente em torno de uma perspectiva estigmatizada (SILVA, 2012).

Discorrendo sobre a importância da dimensão familiar para todos os indivíduos em desenvolvimento, independente da configuração em que se apresente, Burket e Godinho (2017) ressaltam que na situação em que o diagnóstico de TEA se apresente esse contexto se torna ainda mais relevante, uma vez que a relação de dependência e especificidades no cuidado assumem outros contornos. Citando o impacto gerado para a família e as relações entre seus componentes, bem como o nível de compreensão sobre o que é o autismo e o envolvimento da família no acompanhamento profissional, o estudo das autoras também reforça a contribuição deste elemento para um desenvolvimento progressivo e satisfatório do sujeito com autismo.

Neste sentido, o presente estudo estruturou-se através do problema de pesquisa “Quais as contribuições da psicologia em nível familiar na clínica do autismo?”, possuindo como principal objetivo a análise da contribuição da psicologia no contexto familiar do sujeito com autismo. Para tal investigação é apresentado o percurso histórico e clínico do TEA; discutido o contexto familiar e outros principais aspectos explanados em publicações científicas encontradas na pesquisa; e, por fim, pontuando as principais contribuições das intervenções abordadas em estudos científicos.

A relevância pessoal e acadêmica deste trabalho é posta mediante experiências da pesquisadora durante a realização do estágio supervisionado na graduação, o qual apresentou situações em que a família demandava o acolhimento e atenção de queixas relacionadas ao convívio do diagnóstico de autismo, sendo percebido que em muito dos casos havia a necessidade do acompanhamento para que pudessem elaborar um melhor manejo da situação e experiências intrínsecas ao convívio diário.

De tal modo, a pesquisa também possui o intuito de fomentar discussões pertinentes à atuação da psicóloga enquanto profissional fundamental no processo multiprofissional de diagnóstico e acompanhamento, estendendo suas possibilidades para um cuidado com a família

e atenção aos demais contextos que o sujeito com autismo está implicado. Promovendo as possibilidades de um acompanhamento integral, a relevância social é posta ao ser explorado melhores estratégias para se pensar a qualidade de vida dos sujeitos, ainda proporcionando a classe acadêmica um apanhado de informações e elementos científicos em relação à temática.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida possui cunho qualitativo, o qual possibilita entrar em contato com aspectos da realidade que não são quantificados, possuindo como foco a compreensão e explicação das dinâmicas intrínsecas as relações sociais; natureza exploratória, que proporciona o maior contato e familiaridade com o problema a ser investigado; e caráter bibliográfico, sendo realizada através do levantamento do referencial teórico disponibilizado em meios escritos e eletrônicos, sendo estes livros e artigos científicos (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Também foi utilizado a abordagem integrativa com finalidade de considerar o aporte teórico sobre o tema a ser explanado e sintetizar as informações dos estudos selecionados, culminando na apresentação da discussão dos resultados da pesquisa. De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010), este método proporciona uma maior integração da aplicabilidade dos resultados dos estudos na prática.

O percurso metodológico possuiu como primeira etapa a identificação do tema e problema de pesquisa, delimitando o contexto familiar na clínica do autismo e o questionamento “Quais as contribuições da psicologia em nível familiar na clínica do autismo?”; e como segunda etapa a definição da amostra de literatura relacionada a discussão proposta, sendo selecionado alguns livros e autores que estudam sobre o tema.

Por conseguinte, a terceira etapa correspondeu a coleta de dados, realizando a pesquisa de artigos científicos nas bases de dados Scielo (Biblioteca Eletrônica Científica Online) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) através da combinação dos descritores “*Autismo*” AND “*Família*” AND “*Psicologia*”. Reduzindo os estudos que apareceram duplicados nos resultados, foram encontrados cerca de 15 artigos em ambos os bancos de dados. Destes, apenas 13 foram utilizados visto que a seleção se deu pelos seguintes critérios: estudos disponíveis na língua portuguesa e de acordo com o ano de publicação, sendo posto um recorte entre os anos de 2016 à 2021.

Como quarta etapa, a análise crítica dos estudos selecionados levou em consideração a leitura prévia deles, delimitando como relevante o título e conteúdo abordado, assim como sua acomodação com a temática proposta. A quinta etapa, discussão dos resultados, deu-se pela

combinação e contextualização da literatura levantada, e por fim, a sexta e última etapa, é a apresentação do trabalho elaborado.

### 3. TRAJETÓRIA HISTÓRICA E CLÍNICA DO AUTISMO

A princípio, a trajetória histórica e clínica do autismo deu-se reunindo características diagnósticas que inicialmente foram associadas a um quadro clínico de esquizofrenia, sendo que a compreensão atual o sinaliza pela dificuldade em estabelecer o contato com o meio social, possuindo interferências em aspectos emocionais, comportamentais e comunicativos. Os principais marcos históricos do autismo são apresentados por Donvan e Zucker (2017) ao elaborar uma linha cronológica que reconhece atos políticos, científicos e relatos de casos sobre este tema. Com base nos autores citados, é sintetizado tais informações na seguinte tabela demonstrativa:

PERÍODO	MARCO HISTÓRICO
Em 1910	o termo “ <i>pensamento autista</i> ” é utilizado pelo psiquiatra Eugen Bleuler para caracterizar padrões de raciocínio de pacientes esquizofrênicos.
Década de 1930	palestra de Hans Asperger em 1938, a qual descreve o quadro clínico de crianças muito inteligentes e com déficits sociais, já sendo influenciado por Bleuler ao identificar como uma síndrome denominada de “ <i>psicopatia autista</i> ”; o termo é utilizado pela primeira vez em um sentido moderno.
Década de 1940	atuação de Leo Kanner em teorizar que um relativo número de crianças possuía comportamentos parecidos e um transtorno ainda não reconhecido, denominando de “ <i>distúrbio autista do contato afetivo</i> ”; reconhecimento do autismo como uma síndrome específica, assim como o reconhecimento da síndrome de Asperger. Em 1948 Kanner propõe que a atitude restritiva dos pais conservaria as crianças com autismo em uma geladeira, e, subsequente, a expressão “ <i>mãe geladeira</i> ” seria utilizada para descrever o contato materno frio, cuja atitude de recusa contribuiria para o autismo do filho.
Entre 1950 e 1960	antecedida por experimentos com finalidade de administrar LSD para crianças autistas e facilitar seus processos de fala, com posterior uso do choque elétrico como forma de intervenção; a década de 1960 se caracteriza pelos primeiros esforços para diagnosticar a “ <i>síndrome esquizofrênica infantil</i> ”, denominação conflituosa para a reunião de características autistas; pelo surgimento das primeiras organizações para o suporte do autismo; o uso bem-sucedido da análise comportamental aplicada (ABA) e estudos cujo resultados sugerem a base biológica mais influente que a psicogênica para os quadros clínicos.
Entre 1970 e 1980	sancionados projetos legislativos sobre a obrigatoriedade do estado norte-americano em educar todas as crianças independente das deficiências apresentadas; em 1979 Lorna Wing e a psicóloga Judith Gould argumentam a descrição do autismo como “ <i>espectro</i> ”. Na década de 1980 é citado o uso da “ <i>comunicação facilitada</i> ” e o autismo entra, pela primeira vez, no DSM como transtorno mental.

Década de 1990	maior visibilidade das propostas de intervenção da comunicação facilitada e da ABA; expressão de movimentos e organizações que defendiam tentativas contrárias ao pensamento de curar o autismo, apresentando o termo “ <i>neurodiversidade</i> ”; aumento do número de organizações com objetivo de financiar pesquisas biomédicas sobre o autismo, incluindo para tratamentos biomédicos não tradicionais.
Entre 2000 e 2010	os embates acontecem em torno de movimentos ativistas e o incentivo as pesquisas sobre cura e tratamento para o autismo; em 2006 o ativista Ari Ne’eman empreende esforços para a garantia de que as pessoas com o espectro autista sejam ouvidas e consideradas no combate aos estigmas existentes; em 2009 juízes norte-americanos decidem pela inexistência de relações entre as propostas de vacinas e o autismo.
Em 2013 - Atualmente	referente ao agrupamento de todos os comportamentos e características associadas ao autismo, incluído as características antes atribuídas a síndrome de Asperger, o DSM V apresenta a denominação <i>Transtorno do Espectro Autista (TEA)</i> e exclui o <i>Transtorno de Asperger</i> .

Fonte: DONVAN; ZUCKER, 2017

Aprofundado a compreensão sobre as transformações decorrentes na elaboração de um quadro clínico, critérios de classificação e características diagnósticas, o autismo, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, inicialmente era considerado na perspectiva da esquizofrenia, perpassando pela classificação enquanto síndrome e, posteriormente, um transtorno invasivo do desenvolvimento atípico. Em sua mais recente edição, o DSM V, sua compreensão é dada através da nomenclatura “*Transtorno do Espectro Autista (TEA)*” e pela disposição de critérios para seu diagnóstico. É acrescido dois domínios a essa ampla categoria: déficits persistentes de comunicação e interação social e os padrões repetitivos de comportamentos, interesses e atividades. Respectivamente, suas implicações são percebidas em aspectos como o desenvolvimento e compreensão dos relacionamentos, reciprocidade socioemocional, comportamentos e comunicação não verbal, interesses fixos, insistências em padrões comportamentais ritualizados, adesão pouco flexível de hábitos e rotinas, repetição ou estereotipia de movimentos motores, uso de objetos e falas (American Psychiatric Association, 2014).

Ainda nestas colocações, é necessário a realização dos seguintes requisitos: todos os sintomas devem estar presentes desde o início da infância, podendo não se manifestar totalmente até que as variações do contexto sociocultural demandem o desenvolvimento de tais habilidades interpessoais; os sintomas causarem prejuízos significativos em diversas áreas do funcionamento do sujeito (social, profissional, familiar etc.); e tais comprometimentos não são explicados por algum outro diagnóstico ou quadro clínico, sinalizando aos casos de comorbidades com outros transtornos e diagnósticos (American Psychiatric Association, 2014).



Baseado nos procedimentos mais atualizados sobre diagnóstico e acompanhamento clínico, Seize e Borsa (2017) delimitam que esse processo é iniciado pela identificação de sinais de riscos na etapa de rastreamento precoce. Sendo necessário, realiza-se o encaminhamento do paciente para uma avaliação mais ampla e com objetivo de confirmar a hipótese diagnóstica. Tendo em vista a não especificidade de marcadores biológicos para este quadro, o seu diagnóstico é clínico, fazendo uso de instrumentos padronizados na avaliação. A importância do diagnóstico precoce é justificada pela possibilidade da intervenção também precoce, o que favorece o melhor suporte ao paciente durante o seu acompanhamento. Compreende-se que pelo curso do seu desenvolvimento de vida é necessário a efetivação de reavaliações periódicas, sendo também imprescindível a composição de uma equipe multidisciplinar que colabore em um trabalho conjunto e bem articulado.

Detalhando aspectos que configuram tal processo de avaliação neuropsicológica, Ibraim (2013) cita a equipe multidisciplinar sendo composta por profissionais como o neuropsicólogo, psiquiatra, neurologista, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e psicopedagogo. As áreas investigadas voltam-se ao campo da cognição, funcionamento executivo, habilidades sociais, teoria da mente e processamento emocional, tratando-se de procedimentos realizados com o paciente e sua família. Citando uma série de testes psicológicos pertinentes a cada perfil do paciente a ser investigado, tem-se que o processo reúne um apanhado de informações qualitativas a serem relacionadas ao processo de investigação.

Pontuando considerações críticas sobre a associação entre o discurso técnico-científico e as construções culturais contemporâneas sobre a infância, Merletti (2018) argumenta sobre a tendência em apreender a criança como um objeto descritível, adaptável e controlável, referindo-se ao risco de desconsiderá-la como singular. A *objetalização da criança* é descrita como fenômeno e efeito do discurso social atual, tratando-se de uma predisposição dos profissionais em incorporar tendências sociais sobre as crianças, com finalidade de classificá-las e normatizá-las. Segundo a autora, a condição de ser posta em uma posição como objeto aproxima-se de um lugar bem delineado e relacionado as crianças autistas e psicóticas, posição a qual a função do sujeito e vínculo com o outro possui dificuldade para operar. Tais dificuldades reverberam nessa relação com o outro e se expressam na construção subjetiva, com seus pais, na escola e no entendimento sobre o desenvolvimento normal e da saúde mental.

Consoante a estas afirmativas e aprofundando esse diálogo em relação ao autismo, Mas (2018) discute sobre psicopatologizar sem limites para promover a manutenção de um discurso consumista, que refaz seus produtos à medida que regula quais as concepções da normalidade e meios de atingi-la, que é como se opera a produção de lucro para o mercado. O setor

farmacêutico, escolar, empresarial e do entretenimento lucram com uma questão que poderia ser melhor assistida na perspectiva da singularidade, do olhar profissional para cada especificidade de um sujeito que foi diagnosticado com autismo. Trata-se, afirma a autora, de um sério risco de promover a gestão do sofrimento pela via do consumo, orquestrando que o público-alvo, interessado em tratar um diagnóstico, o faça de forma exacerbada ao pagar por livros, brinquedos, treinamentos e aplicativos com garantia e eficácia generalizada para sujeitos com TEA. Fica estabelecido a necessidade de propor intervenções que confrontem a indústria do adoecimento.

#### **4. AUTISMO E O CONTEXTO FAMILIAR**

Tratando-se da discussão dos resultados encontrados na pesquisa, a estruturação do presente tópico foi baseada de acordo com a combinação e contextualização dos referidos estudos. Neste sentido, foi possível agrupá-los nas seguintes categorias de áreas temáticas: estudos sobre a dinâmica familiar, os aspectos educacionais e a vivência da sexualidade. Ainda, conforme já discutido, apresentou-se aspectos clínicos da semiologia e do diagnóstico, bem como será explanado sobre as pesquisas em relação as intervenções propostas como tratamento.

Assim, contextualizando os aspectos educacionais e as vivências escolares, Silva (2012) argumenta como o ingresso na escola é um marco importante para o desenvolvimento infantil, não apenas em relação ao aprendizado mas também pelo desenvolvimento social e ampliação da formação do ser humano. No tocante as crianças com autismo, é através desta experiência que algumas desconfianças sobre a singularidade da criança podem se concretizar, surgindo assim suas potenciais dificuldades. Visto que antes o convívio era apenas no meio familiar, onde algumas características não eram totalmente perceptíveis ou permaneciam em estado de latência, o âmbito escolar também se caracteriza pela ausência dos pais na facilitação das atividades e brincadeiras, sendo um espaço onde as crianças devem apresentar suas aptidões.

No estudo realizado por Campos e Fernandes (2016), cujo objetivo foi verificar a correlação ente o tempo de permanência semanal na escola e o desempenho de crianças com TEA em testes de inteligência não verbal e em habilidades comunicativas e de comportamento, foi possível aferir que quanto maior o tempo de permanência na escola melhores eram os resultados nos testes de inteligência não verbal e menor o grau de severidade nas habilidades comunicativas. Dentre as informações fornecidas pelos pais dos participantes da pesquisa, há relatos de que o tempo que a criança permanece na escola não é utilizado para estimulações necessárias para o desenvolvimento de habilidades importantes, assim como havia

concordância com a não permanência em 100% do tempo escolar já que não percebiam benefícios da escola para o desenvolvimento dos seus filhos.

Nesse sentido, a pesquisa conduz a reflexão de que, ainda que seja comprovado as contribuições da inserção e permanência das crianças autistas no ambiente escolar, os pais podem ter uma outra experiência e percepção desse recurso, uma vez que as queixas relatadas pelos pais participantes da pesquisa sinalizam elementos que influenciam no aproveitamento das potencialidades do ambiente escolar, exemplificados pela qualidade das estimulações oferecidas. A existência de tais elementos relaciona-se com a concordância dos filhos não permanecerem no tempo integral na escola (CAMPOS; FERNANDES, 2016).

Investigando procedimentos eficazes de ensino a serem realizados junto com a família, como forma de garantir a aprendizagem das crianças e a familiaridade dos pais com estratégias de ensino, a pesquisa realizada por Menotti, Domeniconi, Benitez (2019) possibilitou reflexões sobre tais estratégias alternativas e inclusivas para o ensino da leitura. Sua realização deu-se mediante uso de um pacote instrucional para o ensino da leitura de quinze palavras dissílabas, possuindo como estimulação as relações entre as pesquisadoras, crianças e seus pais. O principal elemento apontado foi relação e influência da variedade de comportamentos existentes no espectro autista, sendo necessário salientar o repertório das crianças que participaram do estudo. O jogo proposto pelas pesquisadoras foi eficaz para o público específico que participou da pesquisa, o que ressalta a singularidade do desenvolvimento de cada caso e as formas específicas de intervenção. O envolvimento dos pais na aplicação do jogo foi considerado importante visto que favoreceu a interação das crianças, facilitando condições para que ambos pudessem participar de forma efetiva no processo de escolarização e aprendizagem. Também foi assinalado que o fornecimento de elogios, dicas e instruções para os filhos desempenharam um papel reforçador, e não coercitivo, incentivando todo o processo.

Em relação a outra categoria temática percebida nos resultados obtidos, Natale e Oliveira (2013) apresentam como limitado e insuficiente o acúmulo de conhecimento a respeito do desenvolvimento da sexualidade em sujeitos com TEA. Complementam que essa falta de informações empíricas se torna um obstáculo para que os profissionais e cuidadores possam realizar atividades preventivas e paliativas com alcance mais efetivo, refletindo também na ausência de parâmetros norteadores sobre patologias e normalidade nesse grupo populacional específico. As expressões dos desejos e necessidades sexuais, bem como a vivência de prazeres e frustrações, são evidenciadas nos diversos relatos sobre o interesse em relacionamentos amorosos, planos de a longo prazo constituírem uma família e o fazerem através de uma união estável ou casamento. É comum questionarem quais as chances dos genes do espectro autista

serem herdados por seus filhos, assim como raramente apresentam aspectos ou comportamentos atípicos no fator da sexualidade.

O estudo desenvolvido por De Tilio (2017) possibilita a percepção desses aspectos ao possuir como objetivo a investigação sobre como uma cuidadora significa a vivência da sexualidade de um indivíduo com TEA. Através de uma entrevista semiestruturada com a irmã cuidadora de um adulto de 35 anos foi possível o relato de que há o respeito à privacidade e à masturbação, mas também a existência de sentimentos como vergonha e medo de comportamentos hipersexualizados não adequados em público. Os resultados obtidos mostram que há a aceitação parcial da sexualidade daquele indivíduo pelos seus familiares, ao mesmo tempo em que se evidencia a existência de conflitos. Também é observado que a cuidadora e os familiares não receberam uma formação específica sobre os cuidados para o TEA, demonstrando a importância de um acompanhamento profissional que envolva atividades educativas para aqueles que acompanham o sujeito com tal diagnóstico.

Tendo em vista que as expressões atípicas, patológicas ou não, de vivências em relação a sexualidade podem ser relacionadas a qualidade dos afetos, cognições e emoções, e os problemas mais comuns se relacionam a higiene pessoal inadequada, fala exagerada, comportamentos em ambientes inadequados e entendimento sobre consentimento, o trabalho psicoeducativo deve contemplar a educação sexual e se constituir como parte essencial das intervenções compreendidas pelo acompanhamento profissional do sujeito com TEA. Considerando que eles podem ter menos acesso a informações sobre estas temáticas, eventualmente experienciando sofrimentos e desencadeando comportamentos inadequados, a implementação desta modalidade de suporte fundamenta-se na importância das ações educativas sobre os cuidados para o TEA, também assegurando o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos destes sujeitos (NATALE; OLIVEIRA, 2013).

De forma geral, Andrade e Teodoro (2013) apresentam os desafios enfrentados por pais de crianças com autismo como referentes às necessidades médicas, planejamento financeiro e utilização de recursos especializados, bem como a educação. Os desafios considerados socioculturais são exemplificados como atitudes negativas e pouca aceitação dos comportamentos tipicamente relacionados ao autismo, tanto pela sociedade como os próprios membros da família. Outras áreas do funcionamento familiar que são envolvidas referem-se ao pouco tempo para atividades familiares, dificuldades em relação a espontaneidade ou flexibilidade e o estresse na relação conjugal. Evidencia-se queixas em relação ao trabalho, havendo restrições de carreiras e limitações para se manter empregos ou atividades externas.

A coparentalidade, compreendida pela forma como dois ou mais cuidadores realizam suas práticas parentais, é investigada no estudo de Portes e Vieira (2020) através do objetivo de compreender a percepção de pais e mães com filhos diagnosticados com TEA sobre sua relação coparental. Os resultados apontam para aspectos como o acordo nas práticas parentais, nos quais as mães relatam uma tendência para uma disciplina relaxada e mais permissiva por parte dos companheiros; a divisão do trabalho marcada por um desequilíbrio nas tarefas desempenhadas, o que produz um sentimento de estresse nas mães; havendo o reconhecimento dos esforços nas atividades parentais, bem como poucos momentos de sabotagem.

Neste sentido, o *empoderamento parental* é conceituado por Oliveira, Schmidt e Pendeza (2020) como a ressignificação do papel parental desempenhado pelos pais, promovendo um sentimento de maior confiança para o manejo das demandas de seus filhos, tornando-os aptos a avaliar e acessar os serviços de saúde e educação com mais autonomia e segurança. A *Intervenção Implementada pelos Pais* (IPP) surge como uma proposta não apenas voltada para a instrumentalização dos pais nestas intervenções, mas para que eles tenham acesso a informações sobre o autismo e possam atuar como mediadores com os filhos. No referido estudo realizado pelos autores fica evidente a correlação entre a implementação da IPP e os benefícios para o empoderamento parental, havendo melhorias em variáveis como aumento de habilidades, redução do estresse; e na relação com o filho, envolvendo o engajamento na interação e nas habilidades sociocomunicativas.

Em relação as implicações do autismo no subsistema familiar fraterno, Cezar e Smeha (2016) discorrem sobre este tema na perspectiva dos irmãos adultos, possuindo como objetivo compreender as vivências e significados atribuídos por esses sujeitos em relação ao autismo do irmão e às repercussões em suas vidas. Os dados da pesquisa mostram que há uma influência significativa nas escolhas pessoais e modos de ser dos participantes, empreendendo a necessidade de uma rotina de cuidados que continuam ao longo da vida. Tal influência foi refletida na escolha profissional, na consideração de que são mais maduros e responsáveis, na necessidade de serem mais fortes em relação aos pais e no cuidado em não ser rebeldes durante a adolescência, justamente para não trazer mais preocupações para seus pais.

Tratando-se de considerações sobre os estudos em relação família e o cuidado no desenvolvimento da criança autista, Silva et al. (2018) sinaliza aspectos gerais presentes nas pesquisas sobre este recorte, sendo eles: as condutas intrínsecas ao comportamento da criança diagnosticada autista são um dos fatores mais estressores para as mães e cuidadores; dificuldades em relação ao comportamento desafiador do autista; tentativas de reorganização da estrutura familiar para se adequar a criança autista e os fatores que não sustentam essa

estrutura; a idealização da criança pela família e o contato com uma realidade diferente; a vivência da maternidade orientada para dedicação exclusiva do filho autista ou com exaustivo cuidado e proteção do filho em relação ao olhar e discriminação do meio social.

## **5. AS CONTRIBUIÇÕES E INTERVENÇÕES DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO COM AUTISMO**

Para contextualizar as novas perspectivas e mudanças nas propostas do acompanhamento terapêutico possível na clínica do autismo, evidenciando a evolução da prática clínica, Silva (2012) salienta o detalhe de que o sujeito com autismo não é o transtorno, mas que ele expressa comportamentos do espectro autista. Tal afirmativa é importante para enfrentar os discursos que só reconhece “a doença” ou se restringe a falar dela. Assim, a autora associa a possibilidade de tratamento psicoterápico, com finalidade de desenvolver comportamentos funcionais e minimizar comportamentos inadequados, com o conceito de *neuroplasticidade*, a capacidade cerebral de se reorganizar quando exposto a novos aprendizados, que antes não estavam desenvolvidos. O acompanhamento precisa ser feito em conjunto, havendo sintonia entre médico, família, escola e psicoterapia mais adequada.

Andrade e Teodoro (2013) consideram como fundamental o reconhecimento dos fatores estressores que estão presentes na dinâmica familiar, uma vez que as intervenções propostas apenas para as crianças, sem este reconhecimento, podem apresentar respostas parciais. Ao ser expresso um estresse significativo, é comum crenças ou a interferência direta na disposição para realizarem as atividades solicitadas entre as sessões, e desse modo torna-se necessário tratar desses fatores em um plano global de acompanhamento.

O *plantão psicológico*, modalidade de atendimento psicológico com finalidade de acolher uma demanda emergencial e apresentada de forma natural ao plantonista, é abordado na pesquisa de Nobre e Souza (2018) sob objetivo de desvelar as vivências trazidas por pais e/ou cuidadores de crianças com autismo. Nesse sentido, os resultados do estudo mostram que embora as queixas apresentadas possuam singularidades, há o compartilhamento de características comuns, sendo elas o luto diante ao diagnóstico, dificuldades com os cuidados com as crianças e o isolamento social. Tais fatores se mostram como eixos potentes em ocasionar situações estressoras no ambiente familiar e em contato com o meio social.

Apontando para a diversidade das intervenções clínicas, Almeida e Neves (2017) apresentam o *ritmo* como uma possibilidade no atendimento clínico para crianças autistas. Fundamentado na necessidade do analista torna-se íntimo aos elementos desconhecidos

existentes entre a criança e sua família, operando como um intérprete das mensagens que antes se perdiam nas dificuldades da relação, o ritmo oferece componentes vocais, sensoriais e relacionais, podendo ser delineados a partir de um instrumento musical ou produções vocais. Assim, as autoras o propõem como uma condição perpassado pela construção subjetiva e que pode ser compreendido como um aspecto facilitador do trabalho clínico.

Ainda sob o viés psicanalítico, a relação da clínica com autismo com a música é apresentado por Viana et al. (2017) através da sua relação com a *lalíngua*, conceito que se refere aos primeiros balbucios mediados pelo idioma materno. Os jogos rítmicos, que envolvem a presença e ausência do som ao longo de determinado tempo, carrega elementos significativos e próprios da constituição do sujeito, lembrando a relação compreendida pelo conceito de *lalíngua*. Como contribuição ao trabalho clínico, as autoras sinalizam essa ferramenta de trabalho como auxílio para a compreensão do sujeito autista.

Contemplando outras perspectivas do acompanhamento profissional que influenciam no desenvolvimento do perfil comunicativo de crianças com autismo, Balestro e Fernandes (2019) apresentam os resultados de uma intervenção com base fonoaudiológica, o qual possuiu alcance em funções comunicativas interpessoais e não interpessoais, havendo contribuições para a compreensão do processo comunicativo em diferentes contextos, ampliando a percepção e funcionalidade entre os pais, cuidadores e os seus filhos. O desenvolvimento de tal estudo demonstra como a relação multiprofissional é importante e influente no suporte ao paciente com autismo, apresentando influências na dinâmica familiar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando ao problema de pesquisa, delineado “Quais as contribuições da psicologia em nível familiar na clínica do autismo?”, é possível afirmar o alcance da investigação proposta visto que o material levantado possibilitou a discussão sobre o contexto familiar e as diferentes abordagens sobre o tema. O contato com tal referencial bibliográfico deu-se em três eixos: uso de livros para apresentar o percurso histórico e clínico; pesquisas que concentraram o debate sobre o contexto escolar, da sexualidade e familiar; e pesquisas com foco em intervenções propostas como tratamento. A combinação e contextualização da literatura mostrou-se como importante ferramenta para o desenvolvimento da discussão, possibilitando elaborar o presente estudo.

Como possibilidade de reunir tantas informações sobre o percurso histórico e clínico, a elaboração da tabela mostrou-se como um recurso com finalidade de sintetizar os marcos

registrados pela literatura. Referente aos eixos originados mediante o levantamento bibliográfico, é sinalizado que através da análise de cada estudo foi possível reconhecer a sua relação com o contexto familiar, mostrando sua influência nos diferentes aspectos abordados por tais pesquisas. Em relação ao eixo sobre os tratamentos, o qual foi investigado sua relação com o saber psicológico, foi possível evidenciar uma relação direta nos estudos que abordam o atendimento psicológico e a influência da família, bem como outras possibilidades de atendimento profissional que repercutem seus resultados no contato familiar e trabalham de modo multidisciplinar no desenvolvimento dos pacientes com autismo.

É válido salientar que os resultados obtidos conduzem as seguintes reflexões: ao apontar para a sobrecarga das mães na realização das atividades parentais, os estudos se assemelham as discussões sobre dinâmicas familiares com filhos com desenvolvimento típico, bem como a posição fundamental das questões de gênero e suas repercussões nos diversos contextos; observa-se a possibilidade de ampliar os estudos e compreender as relações entre outros membros da família e outras formas de sistemas familiares, como a relação coparental de casais divorciados, bem como a perspectiva do processo de adoção.

No campo da Psicologia, é percebido a predominância do referencial psicanalítico, assim como estudos vinculados ao desenvolvimento por meio da terapia ABA, o que aponta para a possibilidade das diferentes correntes teóricas expandirem suas investigações e se debruçarem sobre este tema, ampliando possibilidades do acompanhamento clínico e dos outros contextos que a psicóloga pode contribuir com o seu saber. Referente aos aspectos metodológicos, a revisão bibliográfica possui colaboração para análise da produção de saber, atualizando os rumos das discussões levantadas, e a pesquisa de campo mostra-se como fundamental para o contato direto com as diferentes realidades, precisando as inúmeras vivências das pessoas com TEA. Ainda que este comentário soe habitual para as demais temáticas passíveis de serem pesquisadas, salienta-se a escassa produção de conhecimento científico sobre o autismo e as limitações provenientes deste fato.

Por fim, o desempenho alcançado no estudo desperta na autora o reconhecimento das possibilidades para futuras pesquisas, estas atravessadas pelas perspectivas acima mencionadas, de forma a contribuir na ampliação do conhecimento acadêmico sobre o tema e interrelacionando este crescimento com as possibilidades do fazer psicológico, a sua potência em cooperar com os sujeitos atravessados por tal temática.



## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2014). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5** [Recurso eletrônico]. (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A possibilidade clínica do ritmo: uma trajetória com uma criança autista. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 442-454, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n3/a02v22n3.pdf> Acesso: 21/05/2021
- ANDRADE, A. A. e; TEODORO, M. L. M. Implicações do Transtorno do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento na Dinâmica Familiar. In: CAMARGOS JR., W. (Org.) **Síndrome de Asperger e Outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento**. Belo Horizonte: Artesã Editora Ltda., 2013. p. 197-2012
- BALESTRO, J. I.; FERNANDES, F. D. M. Percepção de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo quanto ao perfil comunicativo de seus filhos após um programa de orientação fonoaudiológica. **CoDAS**, São Paulo, v. 31, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/codas/v31n1/2317-1782-codas-31-1-e20170222.pdf> Acesso: 21/05/2021
- BURTET, K. S.; GODINHO, L. B. R. Envolvimento Familiar na Clínica do Autismo. **Revista Cippus – Unilasalle**. Canoas/RS, v. 7, n. 2, nov. 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/view/3263> Acesso em: 15/04/2021
- CAMPOS, L. K. de; FERNANDES, F. D. M. Perfil escolar e as habilidades cognitivas e de linguagem de crianças e adolescentes do espectro do autismo. **CoDAS**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 234-243, junho, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/codas/v28n3/2317-1782-codas-2317-178220162015023.pdf> Acesso: 12/05/2021
- CEZAR, P. K.; SMEHA, L. N. Repercussões do Autismo no Subsistema Fraternal na Perspectiva de Irmãos Adultos. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 33, n. 1, pág. 51-60, mar., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n1/0103-166X-estpsi-33-01-00051.pdf> Acesso: 19/05/2021
- DE TILIO, R. Transtornos do Espectro do Autismo e Sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. **Psicol. Conhecimento. Soc.**, Montevideu, v. 7, n. 1 pág. 36-58, maio de 2017. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v7n1/1688-7026-pcs-7-01-00036.pdf> Acesso: 14/05/2021
- DONVAN, J.; ZUCKER, C.; **Outra Sintonia - A História Do Autismo**. Tradução por Luiz A. De Araújo. Companhia das Letras, 2017.
- IBRAIM, L. F. Avaliação Neuropsicológica para Síndrome de Asperger e Transtorno do Espectro Autista de Alto Funcionamento. In: CAMARGOS JR., W. (Org.) **Síndrome de Asperger e Outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento**. Belo Horizonte: Artesã Editora Ltda., 2013. p. 125-151

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAS, N. A. **Transtorno do Espectro Autista - História da Construção de um Diagnóstico**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo

MENOTTI, A. R. S.; DOMENICONI, C.; BENITEZ, P. Atividades aplicadas pelos pais para ensinar leitura para filhos com autismo. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v23/2175-3539-pee-23-e185073.pdf> Acesso: 12/05/2021

MERLLETI, C. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 146-151, jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n1/1678-5177-pusp-29-01-146.pdf> Acesso em: 06/04/2021

NATALE, L. L.; OLIVEIRA, L de F. S. Aspectos da Sexualidade das Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento. In: CAMARGOS JR., W. (Org.) **Síndrome de Asperger e Outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento**. Belo Horizonte: Artesã Editora Ltda., 2013. p. 213-228

NOBRE, D. S., SOUZA, A. M. Vivências de pais e/ou cuidadores de crianças com autismo em um serviço de plantão psicológico. *Rev baiana enferm*. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/22706/16678> Acesso: 21/05/2021

OLIVEIRA, J. J. M. de; SCHMIDT, C.; PENDEZA, D. P. Intervenção Implementada pelos Pais e Empoderamento Parental no Transtorno do Espectro Autista. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v24/2175-3539-pee-24-e218432.pdf> Acesso: 19/05/2021

PORTES, J. R. M.; VIEIRA, M. L. Coparentalidade no Contexto Familiar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 25, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v25/1807-0329-pe-25-e44897.pdf> Acesso: 19/05/2021

SEIZE, M. M.; BORSA, J. C.; Avaliação do autismo: do rastreamento ao diagnóstico. In: LINS, M. R. C.; BORSA, J. C. (Org.) **Avaliação Psicológica: aspectos teóricos e práticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 294-312

SILVA, A. B. **B.Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, S. E. D. da et al. A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista. **J. Health Biol Sci.**, 2018; 6(3): pág. 334-341. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1782> Acesso: 19/05/2021

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt\\_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf](https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf) Acesso em: 15/04/2021

VIANA, B. A. et al. A dimensão musical de lalíngua e seus efeitos na prática com crianças autistas. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 337-345, dez. 2017 Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v28n3/1678-5177-pusp-28-03-337.pdf> Acesso: 21/05/2021